



Orientação para Normalização de Trabalhos Acadêmicos

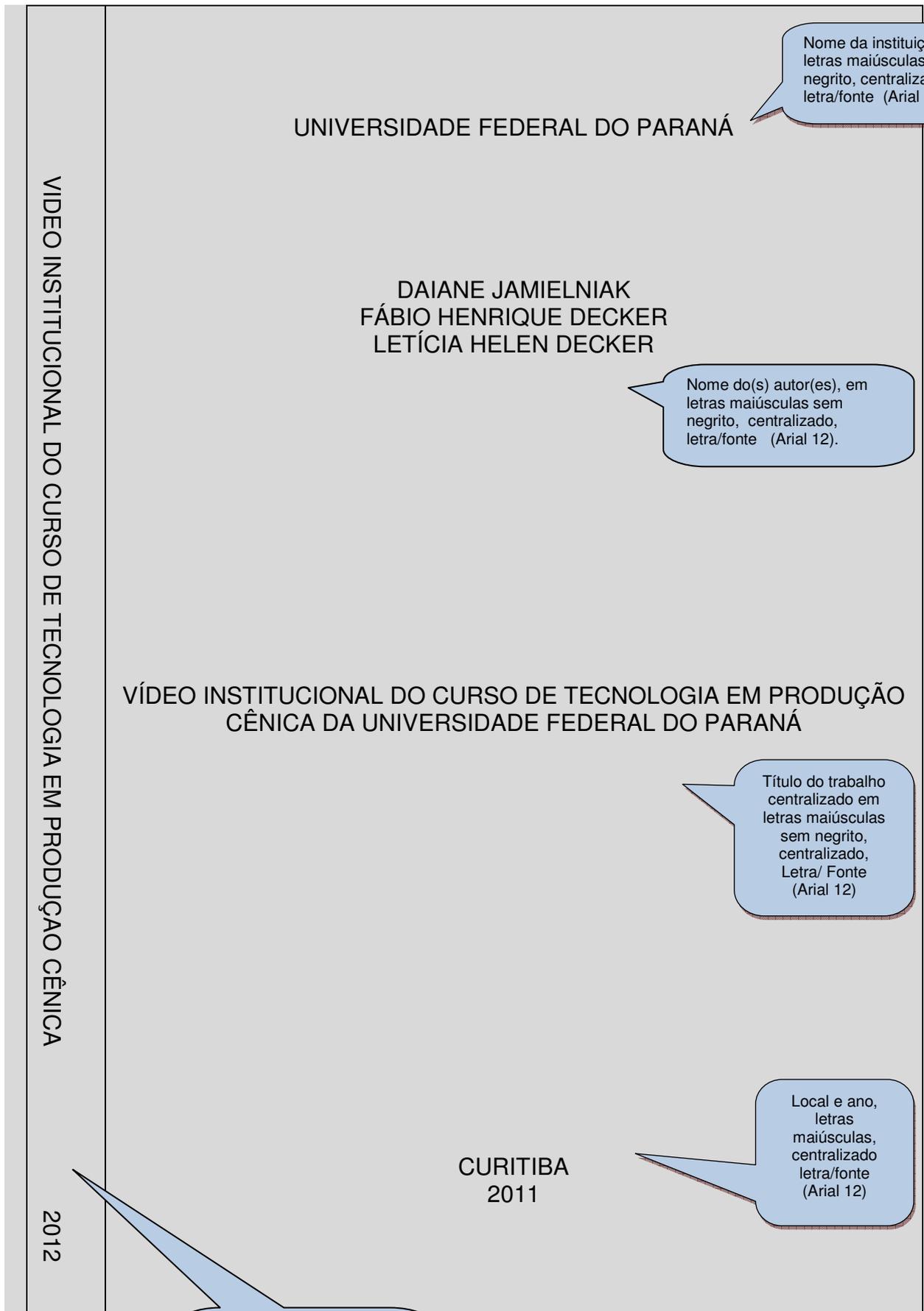
O **MODELO** apresentado contempla os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais para elaboração de trabalhos acadêmicos. O modelo foi compilado com base em trabalhos já apresentados na instituição, modificado e adaptado de acordo com as normas vigentes na UFPR. Para os itens não mencionados recomenda-se consultar a publicação *Normas para Apresentação de Documentos Científicos*, disponíveis em todas as bibliotecas ou entrar em contato com os bibliotecários da biblioteca de seu respectivo curso.

Outras denominações utilizadas:

- Trabalho de conclusão de curso – TCC
- Trabalho de graduação interdisciplinar – TGI
- Trabalho de conclusão de curso de especialização ou aperfeiçoamento.

Comissão de Normalização
SIBI – UFPR

Capa: recomenda-se capa dura ou cartonada (cor de acordo com a orientação do curso) com gravação (inscrição dos elementos que compõe a capa).



Nome da instituição e letras maiúsculas sem negrito, centralizado, letra/fonte (Arial 12).

Nome do(s) autor(es), em letras maiúsculas sem negrito, centralizado, letra/fonte (Arial 12).

Título do trabalho centralizado em letras maiúsculas sem negrito, centralizado, Letra/ Fonte (Arial 12)

Local e ano, letras maiúsculas, centralizado letra/fonte (Arial 12)

Lombada deve indicar, título e ano. Letra/fonte (Arial 12).

NOME DO(s) AUTOR(es)
em letras maiúsculas
centralizadas sem negrito
letra/fonte (Arial 12).

DAIANE JAMIELNIAK
FÁBIO HENRIQUE DECKER
LETÍCIA HELEN DECKER

TÍTULO DO
TRABALHO em
letras maiúsculas
centralizadas sem
negrito,
letra/fonte
(Arial 12).

VÍDEO INSTITUCIONAL DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO
CÊNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Nota indicativa da natureza do
trabalho e nome orientador,
letra/fonte (Arial 10),
entrelinhamento simples (1),
sem negrito.

Trabalho apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Tecnólogo em
Comunicação Institucional no curso de
graduação em Tecnologia em Comunicação
Institucional, Setor de Educação Profissional e
Tecnológica da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Profa. Flávia Lúcia Bazan Bernalhok

CURITIBA
2011

LOCAL E ANO, letras
maiúsculas centralizado,
sem negrito, letra/fonte
(Arial12)

TERMO DE APROVAÇÃO: Elemento obrigatório para trabalhos que exigem defesa pública. Depois de aprovada e corrigida, deve ser inserida com as assinaturas da banca examinadora. Para trabalho que não exige a defesa pública, não incluir este item.

TERMO DE APROVAÇÃO

DAIANE JAMIELNIAK
FÁBIO HENRIQUE DECKER
LETÍCIA HELEN DECKER

VÍDEO INSTITUCIONAL DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Comunicação Institucional no curso de graduação em Tecnologia em Comunicação Institucional, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Mestre Flávia Lúcia Bazan Bepalhok
Orientadora - Setor de Educação Profissional e Tecnológica da
Universidade Federal, UFPR.

Profa. Mestre Juliane Martins
Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal,
UFPR

Prof. Dr. Francisco José Pereira de Campos Carvalho
Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, UFPR

Curitiba, 12 de dezembro de 2011

DEDICATÓRIA
Elemento opcional, formatação
livre, letra/fonte (Arial12). Não é
necessário escrever a palavra
Dedicatória.

Aos nossos pais e familiares, que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram nos nossos sonhos.



AGRADECIMENTOS
Elemento opcional. Letras em
maiúsculas, centralizada em
negrito, letra/fonte (Arial12).

AGRADECIMENTOS

1 linhas (1,5)

À nossa orientadora, Profa. Flávia Lúcia Bazan Bessalok, pelo acompanhamento, orientação e amizade.

Ao Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, na pessoa de sua coordenadora Profa. Flávia Lúcia Bazan Bessalok, pelo apoio recebido.

Ao colegiado do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, pela compreensão aos momentos difíceis.

Aos Professores Silvana Maria Carbonera, Allan Valenza da Silveira, Palmira Sevegnani, Soraya Sugayama e Vanessa Gonçalves Curty pelas contribuições e sugestões no trabalho.

À Ângela Pereira de Farias Mengatto, por estar sempre pronta a cooperar.

O agradecimento ao próprio grupo da pesquisa que, estavam sempre presentes em todo o processo de elaboração deste trabalho, nos bons e maus momentos.



EPÍGRAFE: Elemento opcional,
formatação livre, letra/fonte (Arial
12), entrelinhamento simples (1).
Não é necessário escrever a
palavra Epígrafe.

O que for a profundidade do teu ser, assim será teu desejo.
O que for o teu desejo, assim será tua vontade.
O que for a tua vontade, assim serão teus atos.
O que forem teus atos, assim será teu destino.

Brihadaranyaka Upanishad

RESUMO na língua do texto (vernáculo). Elemento obrigatório. O termo RESUMO em negrito centralizado. O texto do resumo deve conter de 150 a 500 palavras, letra/fonte (Arial 12), entrelinhamento simples (1).

RESUMO

1 linha (1,5)

O presente relatório se propõe a produzir um vídeo institucional para o Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná. Para tanto, além da produção do vídeo em si, contempla também algumas formas e concepções de vídeos usados no campo institucional, bem como todas as etapas de produção deste tipo de audiovisual. O vídeo produzido para o curso de Produção Cênica tem o intuito de reafirmar a identidade do curso e será disponibilizado em seu site oficial.

2 linhas (1.5)

Palavras-Chave: Audiovisual. Vídeo institucional. Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica.

Palavras-chave: termos ou palavras que representam o assunto abordado no trabalho, letra/fonte 10, espaçamento simples (1).

RESUMO em língua estrangeira. Elemento obrigatório. O termo RESUMO em letras maiúsculas, negrito centralizado. O texto do resumo deve conter de 150 a 500 palavras, letra/fonte (Arial 12), entrelinhamento simples (1).

ABSTRACT

1 linha (1.5)

This present report proposes to produce an institutional video of the Graduation Course of Technology in Scenic Production of the Federal University of Paraná. Hence, besides the video production it self this study, also contemplates some video types and conceptions used in the institucional field, as well as every production stages of this audio-visual type. The produced video of the Scenic Production course has the intention to reassure the course's identity and it will be available in the faculty's official website.

2 linhas (1.5)

Keyword: Audio-visual. Institutional Video. Graduation Course of Technology in Scenic Production.

Palavras-chave em língua estrangeira: termos ou palavras que representam o assunto abordado no trabalho, letra/fonte (Arial 12).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:
Elemento opcional.
Usar letras maiúsculas em negrito
centralizado, Letra/fonte (Arial 12).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

2 linhas (1,5)

FIGURA 1	- GRANDE PLANO GERAL	22
FIGURA 2	- PLANO GERAL.....	22
FIGURA 3	- PLANO DE CONJUNTO.....	23
FIGURA 4	- PLANO AMERICANO.....	23
FIGURA 5	- PLANO MÉDIO.....	24
FOTO 1	- ESPAÇO FÍSICO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	31
FOTO 2	- SALAS DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	31

Ilustrações são: quadros, gráficos, plantas,
mapas, fluxogramas, organogramas fotografias,
esquemas entre outros recursos

A lista deve ser elaborada conforme a ordem
em que aparecem no texto com a indicação da
página Pode-se optar por lista única ou lista
específica (por tipo de ilustração). Usar
letra/fonte (Arial 12), entrelinhamento (1,5). Este
exemplo é de lista única.

LISTA DE TABELAS

2 linhas (1,5)

LISTA DE TABELAS:
Elemento opcional. Usar
letras/fonte (Arial 12) em
maiúsculas centralizada em
negrito.

TABELA 1 - TIPOS DE VÍDEO	19
TABELA 2 - INSTALAÇÕES FÍSICAS (M2) TPC.....	21
TABELA 3 - ROTEIRO DE VÍDEO.....	23
TABELA 4 - IMAGENS E NARRAÇÕES.....	26

Para a lista com os títulos das tabelas e
a indicação da localização da página no
texto, usar letra/fonte (Arial 12),
entrelinhamento (1,5).

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

2 linhas (1,5)

- PB - Grande plano geral
- PAN - Panorâmica
- PG - Plano geral
- PP - Primeiro plano
- TPC - Tecnologia em Produção Cênica
- TCI - Tecnologia em Comunicação Institucional
- UFPR - Universidade Federal do Paraná

LISTA DE SIGLAS: Elemento opcional. Usar letras/fonte (Arial 12) em maiúsculas centralizada em negrito.

A lista com as abreviatura ou siglas em ordem alfabética alinhada à margem esquerda, hífen e a descrição da sigla, letra/fonte (Arial 12), entrelinhamento (1,5).

LISTA DE SÍMBOLOS

2 linhas (1,5)

@ - arroba

© - copyright

® - marca registrada

¶ - parágrafo

β - beta

LISTA DE SÍMBOLOS: Elemento opcional. Usar letras/fonte (Arial12) em maiúsculas centralizada em negrito.

A lista com os símbolos deve ser elaborada de acordo com a ordem em que aparecem no texto, alinhada à margem esquerda, hífen e a descrição do símbolo. Usar letra/fonte (Arial12) e entrelinhamento (1,5).

SUMÁRIO: Elemento obrigatório.
Usar letras/fonte (Arial12) em
maiúsculas centralizada em
negrito.

SUMÁRIO

2 linhas (1,5)

1 INTRODUÇÃO	15
2 O VÍDEO	17
2.1 A HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DE VÍDEO NO BRASIL.....	17
2.2 O VÍDEO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO.....	18
2.3 O USO DOS VÍDEOS NAS CORPORações.....	18
2.4 OS TIPOS DE VÍDEO.....	19
3 PRODUÇÃO DE UM VÍDEO	20
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	20
3.1.1 Briefing.....	20
3.1.2 Roteiro.....	21
3.2 PRODUÇÃO.....	21
3.2.1 Enquadramento e posicionamento de câmera.....	21
3.2.1.1 Grande plano geral (GPG).....	22
3.2.1.2 Plano geral (PG).....	22
3.2.1.3 Plano de conjunto (PC).....	23
3.2.1.4 Plano americano (PA).....	23
3.2.1.5 Plano médio (PM).....	24
3.2.1.5.1 Pan vertical	24
3.2.2 Áudio.....	25
3.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	25
3.3.1 Decupagem.....	26
3.3.2 Edição.....	26
3.3.2.1 Edição paralela.....	26
3.3.2.2 Edição de montagem.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	29
ANEXO	31

Todos os itens (capítulos, seções e partes do trabalho) devem obedecer a mesma ordem e grafia que aparecem no trabalho, letra/fonte (12), entrelinhamento (1,5), alinhados à margem esquerda. Os elementos pré-textuais não devem aparecer no sumário.

Dois (2) espaços entre o título e indicativo numérico.

1 INTRODUÇÃO

Início de seção/capítulo (seção primária) iniciar em folha distinta, o título e o indicativo numérico alinhar à margem esquerda, usar letras/fonte (Arial 12) maiúsculas em negrito. Usar 2 espaços entre o título e indicativo numérico. Parágrafo do texto espaço (1,5 cm) da margem esquerda. Para o texto usar letra/fonte (Arial 12), entrelinhamento 1,5.

2 linhas (1,5)

1,5 cm → Os diferentes formatos de vídeos têm sido considerados uma das mais importantes e eficazes ferramentas da comunicação. A demanda gerada pela produção desses vídeos, geralmente, tem interessado às grandes e médias empresas como opção de divulgação.

Citação direta até 3 linhas inserida na sentença

O segmento de produção de vídeo ganhou um impulso muito grande no século XX, comprovando a máxima que afirma que “uma imagem diz mais do que mil palavras” (ZANETTI, 2010, p. 5). Quando o homem conseguiu dar movimento às fotografias surgiu o cinema, e com ele, novos formatos audiovisuais. Mais tarde, vieram as produções em vídeo, que também se aprimoraram. Hoje em dia, com as novas tecnologias, pode-se produzir e ter acesso a vídeos até por telefones celulares.

Assim, no intuito de compreender melhor a área de produção de vídeos e ter a possibilidade de suprir essa demanda, de vídeos alternativos voltados para a comunicação, a proposta desse trabalho se propõe a desenvolver um vídeo institucional para o curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná. A produção permitirá divulgar, como também, reforçar com qualidade, a identidade do curso, que muitas vezes é confundido com um antigo curso que havia na universidade, o curso Técnico em Artes Cênicas, sendo que o curso de Tecnologia em Produção Cênica tem uma proposta diferente do curso Técnico. Esse vídeo será destinado ao site do próprio curso, como ferramenta de apoio para auxiliar os futuros alunos. Sendo assim, informará a história e o foco principal da graduação, como a formação de produtores cênicos.

Citação indireta com 2 autores, inserida no parágrafo.

Para dar início a esse intento, procuramos entender como se faz um trabalho científico e, por conseguinte, entender o que é metodologia científica, que na acepção de Marconi e Lakatos (2007) consiste em um conjunto de métodos e técnicas detalhadas para atingir o objetivo proposto.

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 83).

Citação indireta com 2 autores, inserida no fim do parágrafo.

Como método e técnica inicial de pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que consiste na identificação, localização e obtenção de informações

bibliográficas sobre o assunto abordado e assim juntamente denominando seu Referencial Teórico (STUMPF, 2008). Para obter um bom início, o planejamento de pesquisa é inevitável para evitar possíveis perdas de tempo com assuntos que não serão úteis. É interessante analisar bibliografias especializadas, índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogos de editoriais que auxiliaram na formulação da pesquisa. Para que essas fontes bibliográficas ajudem mais ainda, é importante uma boa leitura com anotações e fichamentos.

A primeira vez que o aluno produz um trabalho acadêmico seguindo todas essas etapas talvez considere o trabalho árduo e desnecessário. Mas aos poucos, ao se familiarizar com o método e com as fontes, verá que o produto é satisfatório. Descobrir o que outros já escreveram sobre o assunto, juntar idéias, refletir, concordar, discordar e expor seus próprios conceitos pode se tornar uma atividade criativa e prazerosa. (STUMPF, 2008).

Como fruto dessa pesquisa bibliográfica, este trabalho se configura em um relatório de quatro capítulos, que dá subsídio ao desenvolvimento de um produto, o vídeo institucional para o curso de Tecnologia em Produção Cênica.

No capítulo 2, é apresentado o histórico do vídeo, em que são indicados os principais conceitos a respeito do tema em estudo, com a finalidade de identificar as utilidades do vídeo, e este como meio de comunicação.

Já o terceiro capítulo aborda características dos aspectos da produção de um vídeo institucional, mostrando a sua importância, desde os direitos autorais até a edição. No quarto capítulo é apresentado o método, os procedimentos de produção e o roteiro do vídeo institucional do curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná.

2 O VÍDEO

Início de nova seção/capítulo (seção primária), iniciar em folha distinta, o título alinhar à margem esquerda, usar letras/fonte (Arial 12) maiúsculas em negrito.

2 linhas (1,5)

Neste capítulo será apresentado um breve histórico do vídeo, o uso deste nas empresas como forma de comunicação, as utilidades e as variadas formas de vídeo. O presente trabalho não tem o objetivo de especificar o histórico do audiovisual, sendo assim apresentará apenas os pontos mais relevantes para se entender a trajetória.

2 linhas (1,5)

2.1 A HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DO VÍDEO NO BRASIL

A segunda seção/capítulo (seção secundária) o título alinhar à margem esquerda, usar letras/fonte (Arial 12) maiúsculas sem negrito.

O vídeo no Brasil surgiu entre os anos de 1970 e 1980, quando chegaram ao país os aparelhos de **VHS**¹. Conforme Machado (1988) a história da produção de vídeo no Brasil pode ser dividida em três gerações. No início, o vídeo era utilizado exclusivamente por artistas plásticos, que sempre buscavam inovações para expressarem suas idéias criativas.

Nesse período, alguns cineastas importantes se destacaram com as suas obras, como Andrea Tonacci, Júlio Bressane e Arthur Omar que começam a trocar o cinema pelo vídeo. Outros realizadores também se destacaram, como Sandra Kogut, que passou a produzir fora do Brasil, para poder ter acesso a maiores recursos financeiros e tecnológicos, e Eder Santos que preferia utilizar apenas materiais do Brasil. O objetivo da união dos representantes desta geração era investigar de forma expressiva e específica, o vídeo, para assim, explorar recursos diferenciados **(MACHADO, 1988)**.

¹ Vídeo Home System (Sistema de Vídeo Doméstico), Sistema de vídeo da JVC que era composto de fitas magnéticas de ½ polegada de largura.

Nota explicativa, inserir na parte inferior da folha/página, letra/fonte (Arial 10), entrelinhamento simples (1).

2.2 O VÍDEO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

O vídeo em si, mesmo variando entre suas categorias, é considerado um meio de comunicação por ter o potencial de transmitir ao público - alvo as informações necessárias, com clareza e objetividade. Conforme **Zanetti (2010, p. 8)** “um vídeo bem planejado e produzido encurta o tempo das apresentações, tem mais precisão, principalmente quando for necessário mostrar muitas informações de uma só vez”.

Essa certeza que temos hoje, de que o vídeo é um meio de comunicação, nem sempre foi assim. No início, quando os primeiros vídeos começaram a circular, era considerado apenas um auxiliar para programas de TV e produções cinematográficas. Isso ocorreu devido ao conceito empregado ao vídeo que era utilizado, principalmente, por pessoas que não trabalhavam na área, para referir-se ao aparelho que reproduzia o teipe. Com base nesse conflito de conceitos no início, propagou-se a ideia de que o vídeo seria apenas um suporte e não chegaria a ser um meio de comunicação. Apenas o passar dos anos fez com que o conceito de vídeo mudasse de suporte e auxílio para um meio de comunicação.

Meio de comunicação, conforme **Santoro (1989, p. 19)**, “que tem outras características próprias e algumas vantagens, se comparando a outros meios de comunicação”. Para o autor, essas características são: facilidade operacional; baixo custo; público definido; independência na produção; imediaticidade; facilidade de copiagem; monitoragem direta; condições de exibição; custo de produção; armazenagem; recursos do equipamento; som e imagem simultâneos; multiplicidade de formatos; multiplicidade de sistema de cor.

2.3 O USO DO VÍDEO NAS CORPORAÇÕES

Pode-se também analisar o audiovisual como ferramenta de trabalho, ou seja, uma forma de comunicação empresarial. Que têm evoluído para propostas de trabalho integrado, com a finalidade de proporcionar conhecimento no contexto corporativo. E por sua vez, existem diferentes formatos de vídeos que são importantes e eficazes ferramentas da comunicação.

As imagens mudaram o conceito de relacionamento entre as pessoas e, além disso, deu início a uma nova forma de adquirir o conhecimento. “No contexto corporativo, por exemplo, o vídeo é um audiovisual que permite apresentar de forma

objetiva, com imagem perfeita, várias situações, dar dimensão física e espacial, serviço ou projeto” (ZANETTI, 2010, p. 7). Funciona também como um cartão de visitas e apresenta uma cultura de trabalho, a missão, valores, ramo de atuação, reforça a imagem do negócio e também da empresa.

2.4 TIPOS DE VÍDEOS

Existem muitas modalidades e nomenclatura para se referir à produção audiovisual ligada às corporações (TABELA 1).

A chamada no texto e a designação tabela deve ter o mesmo padrão gráfico (título e numeração.)

TABELA 1 - TIPOS DE VÍDEOS

Tipo	Duração
Vídeo institucional	5 a 8 min.
Vídeo empresa	-
Vídeo integração	8 a 10 min.
Vídeo treinamento	Aberto
Videojornal	15 a 20 min.
Vídeo motivacional	3 a 5 min.
Vídeo promocional	4 a 7 min.
Apresentação de Case	-
Vídeo manual ou manual eletrônico	-
Vídeo digital <i>signage</i>	-
Vídeo teleaula	-
Vídeo catálogo eletrônico e propaganda de produto	4 a 7 min

A tabela no todo deve ser elaborada com letra/fonte (Arial 10) e entrelinhamento (1). O título deve ser inserido na parte superior da tabela em letras maiúsculas seguida do número de identificação. Na parte inferior indicar a Fonte.

FONTE: ZANETTI (2010), XAVIER e ZUPARDO (2004).

Para melhores detalhes consultar as Normas de apresentação tabular do IBGE, disponível no site IBGE/biblioteca.
Tabelas não são fechadas nas laterais. Tabelas que ocupam mais de uma página devem ser continuadas na folha seguinte, observando que:

- Não devem ser delimitadas na sua parte inferior, a não ser na última página;
- O cabeçalho (título) da tabela deve ser repetido em todas as páginas, constando a expressão contínua, na primeira página, continuação nas páginas intermediárias e conclusão na última página;
- Tabelas muito largas (horizontal) podem ser dispostas na vertical

3 PRODUÇÃO DE UM VÍDEO

Início de nova seção/capítulo, iniciar em folha distinta, o título alinhar à margem esquerda, usar letras maiúsculas em negrito, letra/fonte (Arial 12).

A proposta deste capítulo é apresentar todas as etapas para produzir um vídeo, como as etapas de produção, público-alvo, roteiro, enquadramento, iluminação, áudio, direito autoral e edição.

O processo de produção consiste na operação de equipamentos físicos e digitais combinados para converter o roteiro escrito em um programa completo e pronto para ser distribuído.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Uso de termos estrangeiros e nomenclatura científica, gravar em *itálico*.

A Pré-Produção inicia-se a partir de uma reunião com o cliente, onde são levantados os principais dados para o **briefing**. Portanto, após essa fase inicial da montagem do **briefing**, será feita uma visita que, além de conhecer o espaço, deve-se tirar várias fotografias do local, para assim ter material para estudar como serão as cenas.

3.1.1 Briefing

O *briefing* é o planejamento de comunicação que serve como uma orientação para o desenvolvimento do produto. No primeiro contato, o cliente dá todas as informações sobre o que pretende com o vídeo, Zanetti (2010, p. 27) define o processo:

1 linha 1,5

Citação longa. Recuo de 4cm da margem esquerda. Entrelinhamento simples (1), letra/fonte (Arial 10).

É anotado os detalhes, as necessidades, os objetivos e finalidades do material e o que o cliente espera alcançar com ele. É importante que, ao passar rumo *briefing*, já se tenha idéia do que se espera do material, do público- da mensagem. A maior quantidade possível de informações úteis deve ser colocada de forma clara e objetiva, quando o roteirista poderá desenvolver uma sinopse e a produtora poderá montar o orçamento. (ZANETTI, 2010, p. 27).

1 linha 1,5

É através do *briefing* já é possível dar início ao roteiro, que constará de todas as informações necessárias para a fase de produção.

Terceira seção/capítulo (seção terciária) o título alinhar à margem esquerda, usar letras maiúsculas e minúsculas sem negrito, letra/fonte (Arial 12).

3.1.2 Roteiro

O roteiro é nada mais que a forma escrita do vídeo ou qualquer outro audiovisual, sendo assim, considerado como obra prima de um projeto. Nesta etapa, é feito um roteiro base, que poderá ser modificado quantas vezes for necessário. Um modelo simples e fácil de fazer o roteiro é no formato tabela, e não é necessário nenhum programa específico, pois pode ser feito no editor de texto conforme exemplo abaixo (QUADRO 1).

A chamada no texto e a designação da ilustração/figura, deve ter o mesmo padrão gráfico (título e numeração).

VÍDEO	ÁUDIO
Na coluna do vídeo, escreve-se como serão feitas as gravações, como movimentos e enquadramentos. Também é descrito se aparecerão gráficos, letreiros e efeitos especiais.	Na coluna do áudio, descreve-se as falas do locutor em <i>off</i> ou apresentador. Também acrescenta-se músicas, efeitos sonoros, fala de atores ou locutores.

QUADRO 1 – EXEMPLO DE ROTEIRO
 FONTE: os Autores (2011).

O quadro no todo deve ser elaborado com letra/fonte (Arial 10) e entrelinhamento (1). Na parte inferior deve constar: título do quadro e o número de identificação em letras maiúsculas, seguida da FONTE (autor e ano) e NOTAS (se houver).

3.2 PRODUÇÃO

Na produção é feita toda a captura das imagens e das narrações, sempre seguindo o roteiro feito anteriormente, pois assim as imagens ficarão organizadas e nada será esquecido.

Para as gravações, conta-se com a presença de alguns profissionais, entre eles: diretor, para supervisionar e dirigir, conforme o roteiro, todas as cenas a serem gravadas, *cameraman*, para fazer as filmagens; assistente de produção, para auxiliar em toda a preparação do local e nas gravações.

3.2.1 Enquadramento e Posicionamento de câmera

Os movimentos de câmera são detalhes que fazem toda a diferença para a produção de imagens de qualidade, cada ação é pensada para se obter a melhor imagem posteriormente.

3.2.1.1 Grande Plano Geral (GPG)

É uma imagem com uma grande amplitude como, por exemplo, mostrar de cima uma cidade. Esse enquadramento assemelha-se a um plano cósmico, enfatizando a imensidão de uma paisagem (FIGURA 1).

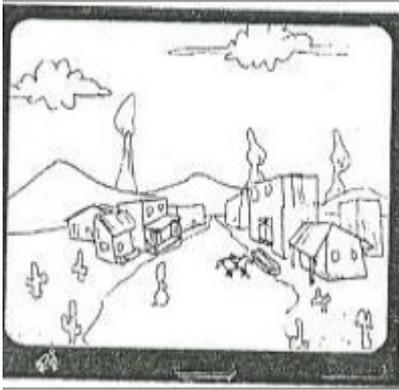


FIGURA 1 – GRANDE PLANO GERAL
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 59).

Ilustração/figura (mapas, plantas, gráficos, fotos, tabelas, quadros, desenhos, esquemas, fluxogramas e etc). Pode-se denominar pelo termo figura ou pelo termo específico da ilustração. Na parte inferior devem constar: o título e o número de identificação em letra/fonte (Arial 10) em maiúsculas, seguida da FONTE (autor e ano) e NOTAS (se houver) entrelinhamento (1).

3.2.1.2 Plano Geral (PG)

Esse plano demonstra a imagem fixa, uma tomada geral, por exemplo: a fachada de uma fábrica e o início de uma partida de futebol. Se tomarmos como parâmetro a imagem da cidade do exemplo anterior, nesse caso, toma-se apenas uma porção da cidade, diminuindo-se a amplitude do plano (FIGURA 2).

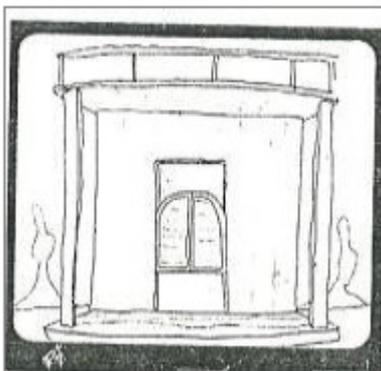


FIGURA 2 – PLANO GERAL
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 59).

Quarta seção/capítulo (seção quaternária) o título alinhar à margem esquerda, usar letra/fonte (Arial 12) maiúsculas e minúsculas sem negrito.

3.2.1.3 Plano de Conjunto (PC)

Com esse plano, que também é uma versão do plano geral, a câmera define melhor todo o cenário com seus elementos, por exemplo, um moço tomando uma limonada próximo a um balcão. Costuma-se tomar como referência, nesse tipo de enquadramento, as pessoas de corpo inteiro, interagindo com o ambiente (FIGURA 3).

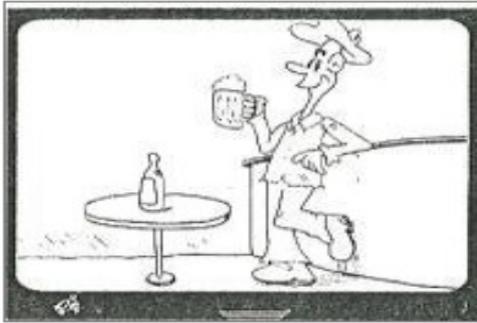


FIGURA 3 – PLANO DE CONJUNTO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 60).

3.2.1.4 Plano Americano (PA)

No Plano Americano, as pessoas são “cortadas” abaixo dos joelhos ou nas coxas. A imagem mostrando o ator do joelho para cima, utilizada normalmente em filmes de banguê-banguê é um exemplo clássico desse plano (FIGURA 4).

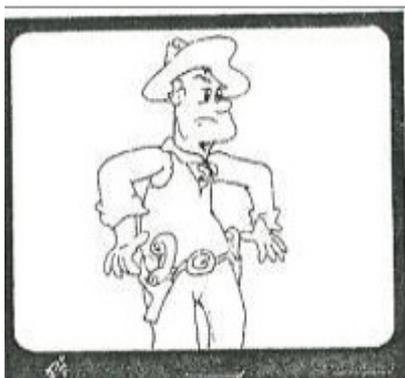


FIGURA 4 – PLANO AMERICANO
FONTE: O autor (2011).

Quando a ilustração/figura, for elaborada pelo autor do trabalho, deve-se indicar na FONTE a expressão: O autor e a data entre parênteses.

3.2.1.5 Plano Médio (PM)

Enquadra o ator da cintura para cima. Utilizado para mostrar o diálogo entre duas pessoas (FIGURA 5 e 6).



FIGURA 5 – PLANO MÉDIO
FONTE: O Autor (2011).



FIGURA 6 – PLANO MEDIO
FONTE: XAXIER E ZUPARDO (2004) Modificado pelo autor (2011).

Quando a ilustração/figura, mapa, gráfico, foto, tabela, quadro e etc., for modificada e/ou adaptada pelo autor do trabalho, deve-se indicar na FONTE (Autor do livro de onde foi retirado a ilustração e a data, acrescentar a expressão Modificada - Adaptada pelo autor e data.

3.2.1.5.1 Pan vertical (ou *tilt*)

Quinta seção/capítulo (seção quinária) o título alinhar à margem esquerda, usar letra/fonte (Arial 12) maiúsculas e minúsculas sem negrito.

É o movimento de câmera feito de baixo para cima ou usado inversamente. Serve como uma demonstração do movimento de um elevador, o lançamento ou a queda de uma bola e acompanhar um guindaste.

3.2.2 Áudio

No vídeo, o áudio é utilizado para completar também a informação a ser transmitida. Podendo ser uma música, para enfatizar o que está sendo transmitido, ou uma narração, assim explicando ou contextualizando as imagens.

Para fazer a gravação, conforme Musburger (2008, p. 201), existem quadro elementos principais: microfone, acústica da locação, formato de gravação de áudio e perspectiva do som.

Alineas: são as divisões enumerativas referente a um período do parágrafo.

O microfone tem seis modelos diferentes, que são:

- a) microfone direcional, utilizado para gravar diálogos, pois captura de forma clara ao fonte do som, assim captando muito pouco os ruídos e outros sons de fundo;
- b) microfone tipo *shotgun*, caracterizado por ficam em um mastro; que se estende por até cinco metros, captura de forma seletiva, primeiramente, o som que está na frente do microfone;
- c) microfone de lapela, caracterizado por ficar posicionado na roupa e próximo da boca do orador, captura apenas o som do mesmo, isolando os outros sons;
- d) microfone omnidirecional, caracterizado por sua sensibilidade; captura o som que está próximo e todos os outros sons;
- e) microfone de mão, utilizado para entrevistas, pois necessita apenas de som de quem está falando próximo a ele;
- f) microfone de cenário, caracterizado por poder ser ocultado no cenário ou em paredes.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Esta fase final envolve basicamente a etapa de edição, onde é feita uma junção de todo o material, imagens e áudios, em um único vídeo.

Portanto, já com todas as imagens necessárias gravadas, e os sons capturados, o material já pode se encaixar na ilha de edição. E cabe ao produtor fazer um levantamento das filmagens, e, assim, juntamente com a equipe de pós-produção, visualizar todas as cenas, após registrarem o tempo de duração das imagens, fornecerão ao editor um “rascunho”, chamado decupagem, que servirá como roteiro para o editor.

3.3.1 Decupagem

Segundo ZANETTI (2010, p. 52) decupagem é a “planificação do filme definida pelo diretor, incluindo todas as cenas, posições de câmera, lentes a serem usadas, movimentação de atores, diálogos e duração de cada cena”. Portanto, considera-se um “rascunho”, que serve como roteiro para quem irá fazer a edição.

3.3.2 Edição

Para a Edição de um vídeo, o editor deve estar atento aos recursos oferecidos pelos programas. Primeiramente é feita a digitalização das imagens capturadas, posteriormente é feita a seleção das cenas, de modo a não perder espaço de armazenamento com cenas que não serão utilizadas. Kellinson (2006, p. 229) afirma que, “o editor marca essas cenas com informações relevantes com a descrição”.

3.3.2.1 Edição paralela

Mostra dois eventos separados, com relação entre si, fazendo a alteração de uma cena para outra, criando uma excitação ou tensão dependendo da história a ser revelada.

3.3.2.2 Edição de montagem

São cenas cortadas e unidas, com sequências para representar uma ação, e a condensação de uma série de eventos, utilizando-se *close-up*, fusões e cortes frequentes para sugerir passagem de tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

2 linhas (1,5)

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre o desenvolvimento do vídeo que, segundo os autores pesquisados, têm um grande potencial para ser referência no processo de produção audiovisual.

Com base nos dados coletados na presente pesquisa, é possível apontar algumas considerações. Inicialmente observa-se uma característica relevante sobre a história do vídeo no Brasil, que foi atualizado conforme a demanda tecnológica e as curiosidades de criadores. Outra observação foi feita, conforme as necessidades do mercado de trabalho, pois o vídeo proporciona uma variedade de funções e caberá saber qual modalidade será utilizada, para suprir tal demanda.

Os dados apresentados foram frutos de um processo de leitura e pesquisa sobre o audiovisual. Este trabalho, portanto, abre uma proposta de conhecimento para fazer uma produção do vídeo, especificamente no método do vídeo institucional.

Neste processo de realização do vídeo para o curso de Tecnologia em Produção Cênica, encontramos alguns obstáculos. Entre eles, a falta de bibliografias na área de audiovisual, a falta de equipamentos como câmeras profissionais e laboratórios de edição e, por isso, estamos ciente que o vídeo não se encontra em uma boa qualidade de sons e imagens.

Por fim, mesmo com todos os obstáculos, conseguimos ter um grande ganho de aprendizagem na área do audiovisual, tanto teórico quanto prático. Também tivemos a oportunidade de conhecer melhor o curso de Tecnologia em Produção Cênica, que mesmo sendo da mesma universidade não tínhamos contato anteriormente. Pelo intermédio do coordenador de TPC, tivemos a oportunidade de acompanhar a rotina de um produtor em um dia de trabalho, como exemplo de profissional para o mercado de trabalho do audiovisual, e ter a confirmação de que é realmente esta a área que escolhemos para a nossa vida profissional.

REFERÊNCIAS: Elemento obrigatório. O termo referências, em negrito centralizado, letra/fonte (12).

REFERÊNCIAS

2 linhas (1,5)

BRIEFING para produção de vídeo. Disponível em: <<http://cinematika.com.br/roteiro-de-briefing-para-video-produtora/>>. Acesso em 17/11/2011.

2 linhas (1)

KELLINSON, C. **Produção e direção para TV e vídeo; uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Entrelinhamento da referência simples (1).

LE MOS, R.; MACIEL, M.; SOUZA, C. **Três Dimensões do Cinema**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

MACHADO, A. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MUSBURGER, R. B. **Roteiro para mídia eletrônica**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2008.

SANTORO, L. F. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

XAVIER, C.; ZUPARDO, E. **Entregando o outro para os mocinhos**. São Paulo: Zennex Publishing, 2004.

ZANETTI, E. **Making of** – como e por que fazer vídeos corporativos. Curitiba: [s.n], 2010.

Todos os documentos citados no trabalho devem ser listados. As referências são alinhadas à margem esquerda, entrelinhamento simples (1) e duas linhas simples (1) para separar uma da outra, letra/fonte (Arial 12)

APÊNDICES

2 linhas (1,5)

APÊNDICE 1 – BRIEFING.....	65
APÊNDICE 2 – FOTOS DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA	67
APÊNDICE 3 – AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGEM.....	71

APÊNDICE: Elemento opcional, é um texto ou documento elaborado pelo autor e que foi utilizado no trabalho. O Termo Apêndice, letra/fonte (Arial 12) em negrito. Quando houver vários apêndices, devem ser organizados com números e/ou letras, titulados e dispostos em um lista.

APÊNDICE 1 - BRIEFING

Cliente: Curso Superior em Tecnologia em Produção Cênica
Endereço: Praça Santos Andrade, 50 - 4º andar Prédio Histórico da UFPR
Telefones: (41) 3310-2740
E-mail: coordenacaotpc@ufpr.br ou allanvalenza@yahoo.com.br
Coordenador: Prof. Dr. Allan Valenza da Silveira
Vice- Coordenadora: Prof. Ms. Vanessa Gonçalves Curty

Histórico:

O Curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná teve o seu início em 2009 com o primeiro vestibular em 2008, disponibilizando 45 vagas, com ingresso anual, disciplinas semestrais e duração de 3 anos. O curso primeiramente tinha um viés voltado para o antigo curso que havia na universidade, o técnico em artes cênicas, porém, como não havia esse curso no catálogo do MEC, foi mudado o foco, para produção cênica.

O curso agrega disciplinas específicas de teoria, como história do teatro, disciplinas de história da arte, literatura dramática e teoria de encenação. Existe também a área prática, que engloba as experiências de palco e a área de tecnologia, na qual o curso proporciona disciplinas de iluminação, maquiagem, sonoplastia e cenografia. E a última área do curso, que proporciona disciplinas de produção, elaboração e gestão de projetos voltados para a área cênica.

O curso de Tecnologia em Produção Cênica, ainda, não possui uma logo oficial, por isso, será usada no vídeo imagens da fachada da Universidade Federal do Paraná.
Público-Alvo: 66

O vídeo será destinado a pré-vestibulandos que tenham interesse pelo curso de Tecnologia em Produção Cênica, como também pessoas da própria Universidade Federal do Paraná, que irão acessar o site.

Objetivos:

Desenvolver um vídeo institucional para o Curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná, que será destinado ao próprio site do curso, que servirá para auxiliar os futuros alunos a terem maiores informações.

O vídeo informará a história e o foco principal do curso para, assim, reforçar a identidade da graduação que forma produtores cênicos, os eixos de produção de espetáculos teatrais, linguagem e teoria, tecnologia através de iluminação, maquiagem, sonoplastia e desenvolvimento de projetos.

APÊNDICE 2 - FOTOS DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA

As fotos foram registradas na etapa de pré-produção, quando fomos conhecer as instalações físicas para, assim, iniciar as gravações.



FOTO 1 – ESPAÇO FÍSICO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)



FOTO 2 – SALAS DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)

ANEXO

2 linhas (1,5)

E-mail de autorização para as filmagens em São José dos Pinhais, na Colônia Mergulhão.

Autorização das filmagens na Colônia Mergulhão

Oi Daiane...

A gravação será na entrada da Colônia Mergulhão, que fica no caminho da Colônia Muricy, em São José dos Pinhais. É super fácil de achar. Vai pela Av. Das Torres sentido Joinville. Logo depois que passa a entrada do aeroporto, têm placas indicando a entrada para as duas colônias. Têm uma passagem / retorno de entrada (indicado pelas placas) ao lado de uma agência do Bradesco na Av. Das Torres.

Na Colônia Mergulhão têm um portal de entrada e estaremos ali, gravando numa casa ao lado do portal, onde funcionava antigamente a Casa da Cultura.

A autorização para acompanharem e filmarem já está dada, pois sou, na condição de diretor, quem autoriza ou não. Não será também necessário da nossa parte uma autorização de uso de imagem.

Aguardo vocês lá então na segunda-feira. Devemos estar lá já ao meio dia para montar os equipamentos e logo na sequência gravar as cenas.

Qualquer coisa, podem ligar.

Att,

Guto Pasko

ANEXO: Elemento opcional é um texto ou documento não elaborado pelo autor, mas que foi utilizado no trabalho. O termo Anexo, usar letra/fonte (Arial 12) e em negrito.